



A REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA SÉRIE SEGUNDA CHAMADA

Débora Raitz Silva¹; Julio Rodrigues de Oliveira²; Cleverson Molinari Mello³

¹ Graduada em Designer de Moda e Pedagogia, Mestra em Sociedade e Desenvolvimento pela Unespar –

deboraraitzsilva@gmail.com.

² Graduado em Geografia e Pedagogia, Mestre em Sociedade e Desenvolvimento pela Unespar – olineto20@gmail.com.

³ Graduação em Administração, Doutorado em Educação – cleverson.mello@unespar.edu.br.

RESUMO

O presente artigo analisa a representação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) pela cultura de mídia a partir da série brasileira Segunda Chamada, exibida pela TV Globo entre 2019 e 2021. A série apresenta questões relacionadas à Educação brasileira e à multiculturalidade dos estudantes atendidos na EJA, abordando o cotidiano escolar de professores e estudantes, e evidenciando não apenas os desafios da realidade educacional desse segmento, mas também questões sociais como religião, gênero, racismo e desigualdade social. Justifica-se a escolha da obra pelo seu potencial em promover reflexão e conscientização a respeito da EJA e dos contextos sociais em que ela está inserida, além de levantar debates relevantes sobre a formulação de políticas públicas para auxiliar esse público. O objetivo deste estudo é analisar como a EJA é representada na série Segunda Chamada, evidenciando a forma como a mídia constrói discursos sobre a educação e os sujeitos que dela fazem parte, podendo ser uma possibilidade de representatividade além de levantar holofotes sobre esse cenário. A metodologia utilizada baseou-se em um estudo bibliográfico, por meio do qual se descreve o cenário da EJA conforme representado na obra audiovisual. Para tanto, a análise se fundamenta nos estudos de Stuart Hall (2016), em Cultura e Representação, e de Pierre Bourdieu (1989), em O Poder Simbólico. De modo geral, a série se configura como uma evidência da importância da cultura midiática na representação da sociedade e de sua diversidade, contribuindo para o conhecimento e a valorização da educação brasileira, em especial da EJA.

Palavras-chave: Cultura de Mídia. Educação de Jovens e Adultos. Segunda Chamada.

1 INTRODUÇÃO

A Cultura de Mídia refere-se ao conjunto de valores, crenças, práticas e produtos culturais que são criados, disseminados e consumidos através dos meios de comunicação de massa, como por exemplo a televisão, rádio, internet, cinema, redes sociais entre outros meios de comunicação e informação que vêm surgindo.

Portanto a mídia torna-se uma influenciadora, sob a maneira de interpretar a realidade, reforçando ou questionando padrões culturais e sociais. Ao construir discursos, a informação mediática pode promover conhecimento, manipulação ou engajamento, tornando-se uma ferramenta essencial na formação da opinião pública e na leitura crítica da sociedade contemporânea. De acordo com o Sociólogo britânico-jamaicano Hall (2016), a cultura de mídia, gera mudanças sociais e identitárias ao representar a sociedade por meio

dos veículos de comunicação, que transmitem ideologias, e, também, resistências, a partir da representatividade de fatos e acontecimentos sociais.

Diante dessa perspectiva, este artigo analisa a série Segunda Chamada, cuja trama foi produzida pela roteirista Carla Faour, e encena a realidade do cotidiano escolar na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade essa que proporciona ensino, para aqueles que em idade regular, não puderam concluir seus estudos pelos mais diversos motivos. É uma modalidade de ensino ofertada no período noturno, pelo fato dos estudantes, serem adultos ou jovens trabalhadores(as), que após seu dia de trabalho, vão para escola em busca de concluir os estudos e terem melhores oportunidade laborais e econômicas.

A princípio exibida na TV aberta, depois a série foi adaptada para o uso da internet por meio de plataformas digitais. Possui duas temporadas, ambas disponíveis na Plataforma da Globoplay, e é composta por 12 episódios com 40 minutos em média. O lançamento realizou-se no segundo semestre de 2019 e as cenas se passam dentro do ambiente escolar.

Essa série brasileira apresenta o tema social e educacional de forma intensa e realista. Ela narra os desafios de professores e alunos em uma escola pública noturna, explorando desigualdades, superação e questões contemporâneas. De modo a impactar a cultura educacional brasileira, ao trazer à tona questões sociais e educacionais muitas vezes negligenciadas.

A produção abordou temas como analfabetismo, violência sexual, racismo, trabalho infantil e feminicídio, refletindo a realidade de muitos alunos das escolas públicas brasileiras. Além disso, a série destacou a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA), mostrando como a escola pode ser uma segunda chance para aqueles que enfrentam dificuldades socioeconômicas

Além das questões de ordem funcionais no cotidiano escolar e da modalidade de ensino, a série também se preocupa em representar a diversidade cultural dentro da escola, discutindo etnia, raça, gênero, classe, e relações entre professor e aluno no ambiente escolar, utilizando o entretenimento como propósito reflexivo, proporcionando reflexões sobre a educação no Brasil.

Destaca-se a representação da multiculturalidade, posto que, os personagens representam a multiplicidade que a caracteriza como tal, e o enredo se preocupa em trazer

questões particulares sobre diferentes grupos sociais, como negros, mulheres, LGBTQBTQI+, imigrantes, entre outros.

Para a análise, este artigo fundamenta-se nos estudos de Hall (2016), que discute a cultura de mídia e introduz o conceito de representação por meio da imagem; de Kellner (2001), que aborda a influência da cultura midiática na construção das identidades; e de Bourdieu (1989), cujas proposições sobre os símbolos como elementos de integração social dialogam com as representações de acontecimentos e movimentos presentes na sociedade. Essa abordagem permite uma reflexão interdisciplinar, articulando conceitos da Sociologia, Comunicação e Educação para compreender as representações sociais construídas pela mídia.

Nesse sentido, a metodologia adotada é de natureza qualitativa, com enfoque interpretativo, ancorada em uma pesquisa bibliográfica e na análise da série Segunda Chamada. A partir dos referenciais teóricos mencionados, buscou-se compreender de que forma a Cultura de Mídia constrói e projeta representações sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente em relação às identidades dos sujeitos envolvidos, às dinâmicas escolares e às questões sociais abordadas.

A análise concentra-se nos elementos simbólicos, discursivos e visuais presentes na narrativa da série, visando evidenciar como essas construções midiáticas refletem e influenciam percepções sociais mais amplas sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Essa reflexão fomenta a potencialidade emancipatória dos seres humanos em suas relações com o mundo a sua volta, que pode representar, de diferentes formas, as realidades do contexto da educação escolar. Isso ocorre de modo a intercalar a dimensão cultural em um espaço social formado por complexas redes de interações e de forma a apresentar as multiplicidades de significados, gêneros, etnias, religiões, valores, culturas (Feldmann; Nunes; Miranda, 2020).

Nesse contexto, a pesquisa discute a representação multicultural a partir das relações pessoais dos protagonistas da série no ambiente escolar. Nessa perspectiva, a multiculturalidade que Hall (2006) apresenta, em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, refere-se às diferentes concepções de identidade, refletindo sobre o lugar das diferentes culturas e a relação entre elas, que podem ser revogadas ao longo da vida.

Essa multiplicidade é definida por Bonnici (2011) como o reconhecimento da coexistência da pluralidade cultural em uma mesma nação. Assim, observa-se no ensino noturno do EJA, como ilustra a série Segunda Chamada, o ambiente escolar enquanto

espaço que abriga uma diversidade entre seu público, ou seja, indivíduos com identidades diferentes, que trazem um histórico de lutas e desafios, e que retornam à sala de aula em busca de melhores oportunidades de vida, são sujeitos com diferentes histórias e vivências, que essas constituem suas identidades culturais.

Desse modo, nas duas seções seguintes, propõe-se uma reflexão sobre a cultura de mídia no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com base na série brasileira Segunda Chamada, que retrata questões relacionadas à educação e à multiculturalidade do público atendido por essa modalidade. Na primeira seção, discute-se a cultura de mídia e seu poder de influência e comunicação simbólica, com base nos estudos de Hall (2016) e Bourdieu (1989). Já na segunda seção, a análise recai sobre a representatividade das diversas trajetórias de vida dos sujeitos que frequentam a EJA, destacando como a série evidencia a realidade social brasileira ao retratar trabalhadoras e trabalhadores que enfrentam obstáculos para concluir sua formação escolar.

A CULTURA DE MÍDIA PARA INFLUÊNCIA CULTURAL

A Cultura de Mídia refere-se ao conjunto de valores, convicções, práticas e manifestações culturais que são gerados, divulgados e absorvidos por meio dos canais de comunicação de massa, como por exemplo; televisão, rádio, internet, cinema, redes sociais e outras vias e plataformas emergentes de informação. Assim, a mídia assume o papel de influenciadora na forma de perceber a realidade, consolidando ou desafiando padrões culturais e sociais. Ao elaborar narrativas, o conteúdo midiático pode estimular conhecimento, persuasão ou engajamento, tornando-se um instrumento fundamental na construção da opinião pública e na análise crítica da sociedade atual. Segundo o sociólogo britânico-jamaicano Hall (2016), a cultura de mídia provoca transformações sociais e identitárias ao representar a sociedade por meio dos meios de comunicação, que propagam ideologias e também formas de resistência, a partir da representação de acontecimentos e fenômenos sociais.

Segunda Chamada é uma série que representa aspectos da realidade social e da cultura brasileira ao retratar o contexto educacional e as vivências dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Utiliza-se a teledramaturgia como recurso narrativo, incorporando elementos clássicos dos folhetins, com forte apelo dramático, a fim de capturar a atenção do público e promover a reflexão sobre questões sociais relevantes do Brasil.



Dessa forma, esse veículo de informação e comunicação, segundo Correia e Junior (2020), proporciona que a cultura seja representada por manifestação artística ou política e em determinados períodos. Concomitantemente, Hall (1997) destaca que é uma forma importante de interpretação da realidade e dos comportamentos dos indivíduos, pois, ao longo das mudanças culturais, o gênero midiático trabalha com a expansão de tudo o que está associado à cultura, na constituição da subjetividade e da própria identidade dos indivíduos.

Isso gera comunicação da cultura de massa, que transforma nossa compreensão por meio do entendimento de que os discursos se constituem como redes de significações. Essas são, por sua vez, significados que damos não apenas entre o diálogo social, mas por meio da cultura de mídia que gera uma linguagem por meio da representação (HALL, 2002).

A representação é gerada a partir da realidade, de um fato ou de um acontecimento, de lugares e de pessoas, como ocorre na série, que representa um contexto no qual há estudantes de várias idades, que estão em busca de estudar e lutar contra um sistema excludente. Nesse contexto, Kellner (2001), enfatiza o papel da imagem, da moda e da música popular na construção da identidade, o qual, muitas vezes, é moldado por visões fictícias de uma sociedade cada vez mais dominada pela mídia e pela informação, transformando-se em cultura de massa, por meio da qual podemos compreender os acontecimentos e os fatos históricos da evolução da sociedade.

É por meio dos registros produzidos, como livros, séries, filmes etc., que conhecemos, interpretamos e entendemos os percursos, processos e acontecimentos sociais. A influência da cultura acontece por meio das interpretações e damos significados ao que reconhecemos. Assim, para Williams (1969), interpretar toda a experiência comum é reinterpretar para alterá-la no centro das mudanças do processo de formação e construção humana, com base nos registros e documentos que contemplem a cultura de mídia. Desse modo, ocorre a construção da representação e seu reconhecimento simbólico, em que o sociólogo Pierre Bourdieu apresenta em seus estudos por meio de sua obra *O poder Simbólico* (1989).

Para o autor, o poder do simbolismo é construído a partir de algo familiar da realidade existente entre os passos e presente. Isso se dá em compreender que o poder que certos grupos sociais exercem não por meio da força física ou econômica direta, mas por meio da imposição de significados, valores e representações sociais. Esse poder simbólico atua de forma despretensiosa, sendo aceito como natural, legítimo, e frequentemente reforçado

pelos meios de comunicação, especialmente as mídias televisivas, que são espaços privilegiados de construção simbólica da realidade.

O surgimento da cultura de mídia, discutida por Hall (2016), parte de novas etnias e culturas de massa por meio da produção de imagem, que pode nos ajudar a compreender e a desconstruir estereótipos do mundo à nossa volta. Para Sanches (2011), as redes sociais, os games e todos os elementos distribuídos por outras mídias, representam mais uma instância de reconhecimento que estabelecem novas práticas de identificação com os personagens da série. No contexto dessa discussão, a série “Segunda Chamada” da TV Globo oferece um exemplo significativo.

A trama gira em torno de professores e estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos), revelando as invisibilidades sociais, a desigualdade de acesso à educação e os desafios enfrentados por pessoas marginalizadas. Vemos, aqui, o conceito de “poder simbólico”, que, de acordo com Bourdieu (1989), funciona como um elemento na representação social, pois, quando o sujeito vê o símbolo, ocorre uma identificação, o que pode ser observado por elementos de representatividade desses estudantes vistos na série.

Essa relação do indivíduo com o símbolo funciona como um elemento de integração e construção social por meio dos instrumentos de conhecimento e de comunicação, que asseguram um consenso sobre o sentido do mundo social. Ao ver as imagens, logo podemos nos reconhecer diante da representação, o que, tanto para Bourdieu (1989) quanto para Hall (2016), é uma forma de poder da representação das imagens.

Esse poder simbólico, para Bourdieu (1989), apresenta-se como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos, ou seja, como formas simbólicas, reconhecendo assim a ação e a importância do conhecimento. Enquanto Hall (2016), por sua vez, aponta que a cultura de mídia possui o poder de transmitir uma ideologia. Sendo assim, podemos observar a representação da série Segunda Chamada, que mostra a luta de pessoas da EJA, os quais fazem parte de uma classe social que vive às margens da sociedade.

Desse modo, segundo Gomes (2021), é uma série que tem um caráter social, uma vez que a teledramaturgia conseguiu aliar o entretenimento às causas sociais, transformando-a em uma obra ficcional que propõe uma reflexão e discussão acerca da sociedade e de acontecimentos da atualidade que vivemos. Para Hall,

as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e

tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade 'original' (Hall, 2003, p.52).

Desse modo, além de uma crítica à educação brasileira de jovens e adultos presente na série, que se apresenta por meio da realidade dos professores e do desenvolvimento da rotina da escola, também há a realidade representada por meio dos sujeitos desse contexto, isto é, os alunos, que são múltiplos, como homens, mulheres, homossexuais, negros, brancos, indígenas e imigrantes.

Tal pluralidade identitária, segundo Kellner (2011), desvela a complexidade dos produtos culturais veiculados pela mídia, no aspecto multidimensional, dentro da interpretação e recepção pela cultura de mídia. Mesmo que exista pontos negativos em relação à essa cultura e à cultura de massa, como informações errôneas, ainda sim são produções que podem servir para reflexões acerca das temáticas proposta. Além disso, são pontos particulares do autor da obra, que apresenta uma forma de representar a sociedade na forma de entretenimento, compondo parte da história dos acontecimentos e transformações da sociedade, e, também, criando uma releitura da história, com contextos da realidade do tempo presente (Gomes, 2021).

A cultura de mídia se tornou, portanto, uma ferramenta poderosa para a sobrevivência e influência humana, conforme Correia e Junior (2020) apontam, ela consiste em um meio de comunicação em massa que expõe/divulga informações e que, desde o seu surgimento, sempre influenciou a sociedade. Essa pode ser observada principalmente na atualidade, por meio das redes sociais e da internet em geral, que fez surgir outras formas, e ainda maiores, de poder e influência na sociedade.

Com efeito, por meio de seus veículos de propagação, a mídia tem o poder de moldar a consciência pública, mas, também, de proporcionar espaços de fala para sujeitos marginalizados e discutir questões sociais, promovendo a visibilidade. Proporcionando, assim, a representação de realidades que necessitam ser pensadas, a fim de promover a diversidade cultural, propagando conhecimento e consciência na sociedade telespectadora.

Considerando esse contexto de representação midiática, na seção seguinte é feita uma releitura da série Segunda Chamada, buscando observar como a multiculturalidade se apresenta na representação dos estudantes da EJA por meio da teledramaturgia.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SOB O OLHAR DA TELEDRAMATURGIA COM A SÉRIE SEGUNDA CHAMADA



A série Segunda Chamada (figura 1) discute os problemas da Educação de Jovens e Adultos no Brasil por meio da trajetória dos personagens de diferentes idade e gênero, que trazem, em suas trajetórias, os desafios para conquistar seu espaço na sociedade e concluir os estudos tão almejado por eles.

Figura 1: Poster de divulgação da série



Fonte: Site Zamenza, 2025.

A história acontece na Escola Estadual Carolina Maria de Jesus, nome escolhido em homenagem à escritora negra, considerada uma das mais importantes no país, com o seu livro “Quarto de Despejo” (1960), (Figura 2) que é uma escola pública de uma periferia de São Paulo, localizada ao centro de três comunidades.

Figura 2: Autora com o livro



Fonte: Cultura Apé, 2025.

Cada episódio mostra acontecimentos envolvendo a história de vida dos alunos, como Natasha (interpretada por Linn da Quebrada), uma transexual que luta diariamente para ser respeitada e se defender das constantes agressões verbais e físicas, inclusive dentro da escola; Gislaine (interpretada por Mariana Nunes), mãe solteira que sonha em ser médica, mas trabalha como prostituta para sustentar a família; Maicon Douglas (interpretado por Felipe Simas), motoboy e pai de família que trabalha para sustentar a casa e desenvolve apreço pelo estudo; Solange (interpretada por Carol Duarte) é uma vendedora de doces no trem que, depois de trabalhar o dia todo com a filha no colo, assiste às aulas com a criança; Dona Jurema (interpretada por Teca Pereira), uma senhora na terceira idade, que deseja uma chance para aprender, mesmo mentindo ao marido que vai à igreja todas as noites; e Silvio (interpretado por José Dumont), que escolheu morar na rua porque não tem dinheiro para o transporte público até a escola.

De modo a dar visibilidade a sujeitos sociais normalmente excluídos dos discursos, romper com estereótipos ao representar professores e alunos de forma humanizada midiáticos, mostrando as barreiras estruturais enfrentadas por indivíduos que vivem as margens da sociedade. Pois a escola, de acordo com Semprini(1999), é um local de formação dos sujeitos, na visão de proporcionar condições de igualdade a todos. Uma vez que por meio da educação, a pessoa desenvolva seu senso crítico, autônomo e responsável no exercício da cidadania.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), na série apresenta o multiculturalismo, não uma simples “convivência de culturas, seja pela idade, gênero ou raça”, mas compreendido

como uma estrutura de reconhecimento das diferenças, inserida num sistema de relações de poder, que envolve identidade, pertencimento, exclusão e legitimação cultural. Para Semprini (1999), as representações culturais não são neutras, e sim construídas dentro de um espaço simbólico em que certos grupos sociais têm maior visibilidade e legitimidade, enquanto outros são marginalizados.

De forma a transmitir mensagens que mobilizam empatia e reflexão crítica sobre o papel social da educação. Não apenas a representatividade os estudantes da EJA, mas escola retratada na série, apesar de pública e noturna, emerge como um espaço de disputa simbólica, onde identidades são negociadas, acolhidas ou recusadas. Nesse contexto, a série se apresenta como um instrumento pedagógico e político, ao lançar luz sobre realidades complexas e promover a circulação de representações que ampliam o debate público sobre a educação, a desigualdade e a inclusão social no Brasil.

Além dos alunos, também há os professores, que os ajudam, incentivando a permanecerem na instituição de ensino, a lutar pelos seus sonhos, a enfrentarem realidade escolar, considerando-a seu espaço. Eles têm como desafios salas com filtração e outras dificuldades que se apresentam nesse ambiente, como a falta de recursos. Assim, mostrando a realidade de luta, dor, sofrimento, sem romantizar as perdas, pois a realidade de cada um é singular, a série retrata a vida real de muitas pessoas, mostrando como ela é composta de muitos desafios.

Ao representar um contexto real, logo nas primeiras cenas, vemos a instituição lidando com a evasão escolar, visto que os alunos, vítimas de desigualdades, pois muitos tem de deixar de estudar devido a diversos motivos, por exemplo para trabalhar; sustentar a família; cansaço por conta do trabalho, ou por conta de ter filhos pequenos e não ter com quem os deixar; e, ainda, o marido não permite que continue na escola.

Mas, com atitude de resistência diante das injustiças sofridas, a trama apresenta as histórias de alunos e professores que tentam superar essas dificuldades, como, por exemplo, a professora Eliete (Thalita Carauta) de Matemática e vendedora de muambas, ajuda a aluna Valquíria (Georgette Fadel), uma ex-presidiária, que busca mudar de vida, quando a vê sofrendo pré-conceito na escola. A atitude da professora a incentiva a se manter na escola. As suas ações revelam um lado sensível dos professores, ao se proporem a auxiliar os alunos, pessoas que necessitam de atenção, para possibilitar que a evasão escolar diminua.

Esse lado humano, que a trama mostra, funciona como um espaço de produção de sentidos, pela forma que as mensagens são recebidas e como devem ser vistas e relacionadas com a vivências dos indivíduos.

Sanches (2011, p. 127) apresenta uma relação sociocultural, que ressignificando os conteúdos conforme a identificação da experiência cultural, “o sujeito torna-se um colaborador e criador”. Essa premissa pode ser observada na forma que a série desenvolve os episódios, trazendo diversas questões como a agressão à mulher, a exposição da sexualidade, o uso de drogas, os problemas psicológicos, as condições econômicas, o poder da elite, a cultura de outros países, os crimes e julgamentos, o poder da palavra, etc., trazendo para uma mídia visual a vida cotidiana e os desafios de trabalhadores e de trabalhadoras do Brasil, retrato de um país tão desigual.

Nesse contexto, Segunda Chamada é uma série televisiva que foca no Ensino Médio, no turno da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e, em seu enredo, muitas vidas se entrelaçam em busca de um só objetivo: adquirir conhecimento e concluir os estudos de forma a possibilitar mudanças em suas vidas.

Esse desejo se apresenta em todos os episódios, como observamos na trajetória da personagem Dona Jurema, uma mulher idosa que tem o sonho de estudar, mas por conta da família a que se dedicou toda sua vida, foi adiando seu sonho até conseguir estudar. Ela tem que mentir para o marido que ia na igreja, quando na verdade estava indo à escola todas as noites. Ao descobrir essa mentira, o marido vai até a escola a fim de tirá-la a força, mas encontra resistência quando a personagem se posiciona e afirma que deseja ficar na escolar e aprender.

Nessa luta pelo estudo, os professores são importantes e emergem no enredo para amparar os alunos e os ajudar a superar as barreiras na conclusão dos estudos. Quando a professora Lúcia Helena (Debora Bloch), de Língua Portuguesa, defende a aluna Alejandra (Rosalva Vanessa), que amamentava sua filha no banheiro, começa a amamentá-la na sala, a posição machista do marido se manifesta.

Isso ocorre pela cultura marcada por estruturas patriarcais e machistas ainda na sociedade. O corpo da mulher ainda é alvo de controle, julgamento e censura quando exerce funções naturais como a amamentação. Na série, essa situação representada promove um movimento das outras alunas, que questionam a posição do marido da aula, ao levantarem suas blusas e deixarem os seios à mostra, em uma forma de protesto contra a sexualização do corpo feminino.

Isso mostra um contexto de homens que proíbem suas companheiras de amamentar em público, por ciúmes, controle ou vergonha de que outros vejam seus seios, ignorando completamente que esse é um ato de amor, cuidado e direito garantido em legislações de proteção à infância e à maternidade.

Esse tipo de atitude revela o quanto o corpo feminino é ainda visto como objeto de posse e sexualização, mesmo nos momentos em que sua função é de puro cuidado e sobrevivência. O retrato cruel de um sistema que não entende que o corpo que amamenta, também é o corpo que aprende e ensina. É fundamental que a escola em especial na EJA, se posicione como um espaço acolhedor, livre de julgamentos, promotor de direitos e de dignidade e trabalhar temas como corpo, maternidade, machismo e autonomia no currículo.

Para além das questões femininas, é representando pela série Segunda Chamada, os professores, que ultrapassam os limites tradicionais da sala de aula, oferecendo apoio emocional e construindo laços afetivos que se assemelham aos de uma família. A personagem Lúcia (interpretada por Debora Bloch) exemplifica esse comprometimento ao demonstrar um profundo apreço por seus alunos, dedicando-se a ajudá-los por meio de palavras e atitudes que fortalecem a confiança e o vínculo com a escola.

Em um dos episódios, Lúcia vai em busca de Solange, uma jovem mãe que vive em um barraco na favela e é mãe de uma criança fruto de um relacionamento com um homem condenado por assassinato. Após o repentino desaparecimento da aluna, a professora vai até sua casa e encontra o local queimado, sem qualquer informação sobre seu paradeiro.

Essa atitude reforça a potência simbólica do gesto educativo, como aponta Bourdieu (1989), ao demonstrar que a relação pedagógica se dá também por meio do reconhecimento e da valorização do outro. Ao mesmo tempo, evidencia como a cultura de mídia pode, conforme Hall (2016) e Kellner (2001), representar práticas de resistência, solidariedade e cuidado que rompem com os estereótipos frequentemente atribuídos à escola pública e à população marginalizada.

O enredo das histórias de vida dos personagens mostra a vida de muitos brasileiros, principalmente os que vivem em comunidades periféricas nas grandes cidades, como é o caso de São Paulo. Desse modo, percebemos que a teledramaturgia é um agente do poder simbólico, quando seu enredo alcança um lugar comum dos telespectadores. Ação que ocorre ao expor as experiências vividas em situações do cotidiano enquanto um espaço aberto de produção e de histórias (Gomes, 2021).

Com efeito, a série não apenas representa um cotidiano escolar, mas revela uma dimensão da realidade para além do aprender a ler e a escrever, mostrando uma multiculturalidade entre as pessoas que ali frequentam. A representatividade dessas múltiplas vivências dos personagens, apresentada nas diversas situações de alunos e alunas da EJA, é uma “conexão entre conceitos e linguagem que permite nos referirmos ao mundo ‘real’ dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios” (Hall, 2016, p.34). Assim, na perspectiva de Sanches (2011), o movimento de recepção da série cria a produção de um sentido que se associa com as vivências e as memórias individuais dos telespectadores, as quais, reapropriadas, formam uma nova mensagem.

A representação, sendo a soma do sentido com a linguagem, pode ser percebida, conforme Hall (2016, p.34), a partir de dois processos: o primeiro está ligado à produção de sentido, e se apresenta como “um conjunto de conceitos ou representações mentais que nós carregamos”, que são relacionados à ordem de objetos, sujeitos e acontecimentos, podendo construir uma cultura de sentidos compartilhados. O segundo sistema tem a linguagem envolvida no processo de construção de sentido dos signos e como eles se organizam, ou seja, uma relação entre as coisas dentro do conceito e do signo, produzindo um sentido da linguagem por meio da representação.

Desse modo, ao trazer a realidade de trabalhadores que buscam concluir o ensino básico, a série trabalha com a representação da multiplicidade existente dentro desse espaço social que é a escola. Para Gomes (2021), a série Segunda Chamada evidencia a diversidade de gênero, de religião e de geografias espaciais, das diferentes realidades apresentadas, frutos de diferentes contextos locais, mas afirma que os alunos possuem uma coisa em comum: a desigualdade social. São pessoas que vivem à margem do sistema e que não conseguiram completar o ensino básico, mostrando a realidade de muitos brasileiros.

Segundo consta nos dados do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatística (IBGE), em uma pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2019, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi estimada em 6,6% (11 milhões de analfabetos), coadunando com a realidade apresentada no contexto ficcional da série.

Nesse cenário, o ambiente escolar é uma dimensão cultural que é formado por complexas redes de interações, e, portanto, não é possível considerar a Educação de

Jovens e Adultos sem pensarmos e valorizarmos a multiculturalidade e as especificidades das pessoas que ali frequentam. A série reforça essa multiplicidade ao tratar da especificidade de cada personagem e, ao final de cada episódio, trazer uma pessoa da vida real para contar suas experiências ao buscar concluir os estudos.

Por exemplo, no episódio 7, em que Brenda Ferreira Nunes, de 38 anos e cabelereira, fala que educação é tudo, é o respeito, o caráter e a dignidade de todo o ser humano. Nesses depoimentos, esses indivíduos falam dos motivos que impediram de seguir em idade regular com os estudos, mostram a causa da necessidade do abandono, como a ignorância da família ou ter que trabalhar para ajudar no sustento da casa, mas reforçam que não deixaram de sonhar e, assim que puderam, voltaram à escola por meio da EJA.

Desse modo, vemos representado, em cada personagem e em suas histórias e vivências narradas, os relatos das pessoas da vida real. Eles representam e revelam que, a partir do momento que voltaram a estudar, a vontade de prosseguir com seus estudos se intensificava, despertando o desejo de seguir seus sonhos.

Nesse sentido, a EJA consiste em uma modalidade de ensino que auxilia muitas pessoas a ter sua dignidade e respeito reconquistadas por meio da educação, tornando-se realizadas ao aprenderem a ler, a escrever, a se sentirem sujeitos participantes do mundo. Por isso que a educação não deve ser vista apenas como um papel curricular a ser cumprido, mas como um caminho que nos torna iguais, que pode transformar a sociedade e formá-la mais justa para todos.

CONCLUSÃO

A Educação de Jovens e Adultos ganhou espaço na teledramaturgia com uma produção rica em detalhes, como vemos na produção em análise. Com a enorme repercussão na TV aberta, alcançando um público amplo e sem conhecimento sobre o que se passava dentro das escolas da EJA, essa realidade escolar encontra um espaço significativo de representação. Esse olhar para os alunos e alunas da educação de jovens e adultos revela que eles possuem patrimônios culturais relacionados às suas narrativas, suas vidas em comunidades, aos grupos sociais a que pertencem, ao contexto em que vivem.

Evidencia-se, na série, suas realidades enquanto sujeitos excluídos e à margem das políticas públicas, mas que possuem saberes, experiências e cultura.

Nota-se, assim, a existência de uma realidade social que mostra a importância em respeitar as diferenças, tendo em vista que a escola deve ser o espaço de acolhimento dessas culturas, de respeito às diferenças e de construção de conhecimentos e de formação das relações dentro e fora da instituição. Dessa forma, como mostra a série, a escola pode levar a uma compressão da diversidade cultural dos indivíduos dentro da sociedade, ao considerar as lutas e as conquistas dos alunos que tentam realizar seu sonho de concluir os estudos e ter uma vida digna e melhor para si e sua família.

Ressalta-se que a cultura de mídia, este veículo de comunicação e representação social e cultural, pode configurar como interpretação da realidade e dos comportamentos ao longo das mudanças culturais, influenciando e ditando novos comportamentos e construções de identidade. Isso ocorre por meio do poder simbólico, com o qual há transformação em nossa compreensão sobre o entendimento de que os discursos se constituem como redes de significações. Assim, as representações ficcionais de fatos, dos acontecimentos históricos ou de realidades e problemas sociais possibilitam que os interlocutores dessas produções se identifiquem, de certa maneira, a ponto de se sentirem comovidos perante as vivências de sujeitos que podem representar a realidade deles próprios.

Por fim, a série Segunda Chamada é um exemplo dessa representação midiática da realidade social. Por meio dela, vemos que os sujeitos podem ser influenciados pela cultura de mídia, já que é uma ferramenta poderosa de comunicação em massa que expõe/divulga informações, com um poder determinante em diversos aspectos na área cultural. Como vemos na trajetória dos personagens, que manifestam as dificuldades de um grupo social que busca superar as barreiras da desigualdade, a representação emerge numa forma de denúncia e conscientização dos telespectadores da realidade enfrentada por essas pessoas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Disponível em:
<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-poder-simb%C3%B3lico.pdf>. Acessado em: 11 abr. 2025.

BONNICI, Thomas. **Multiculturalismo e diferença**: narrativas do sujeito negro britânico em outras leituras. Maringá: Eduem, 2011.



CORREIA, Clifton Morais; JUNIOR, Francisco Gilson Rebouças Porto. Cultura e televisão: notas sobre a influência da mídia televisiva. **Revista Pan-Amazônia de Comunicação**, v. 4, n. 2, maio-ago. 2020. Disponível em:

file:///C:/Users/debor/Downloads/10006-Texto%20do%20artigo-52090-1-10-20201230.pdf.

Acessado em: 27 mar. 2025.

FELDMANN, Mariana Grazieli; NUNES, Ana Lúcia Pereira; MIRANDA, Helga Porto. Cultura e interculturalidades na EJA. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, v. 3, n. 6, p. 156-170, jul./dez. 2020. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rieja/article/view/11236>. Acessado em: 02 mai. 2025.

GOMES, Carolina. A representação midiática da Educação de Jovens e Adultos no Brasil a partir da série 'Segunda Chamada'. **Revista Miguel**, n. 4, jan./jun. 2021. Disponível em:

<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/53107/53107.PDF>. Acessado em: 20 abr. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Educa IBGE Jovens**. 2025. Disponível em:

<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>.

Acessado em: 15 abr. 2025.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016. Disponível em:

https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/HALL_Cultura_e_Representa%C3%A7%C3%A3o_-_2016.pdf. Acessado em: 09 mar. 2025.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação & Realidade**, jul./dez. 1997.

_____. **El trabajo de la representación**. Lima: IEP – Instituto de Estudios Peruanos, maio 2002.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SANCHES, Tatiana Amendola. Seis temporadas pelas ilhas de Lost: a questão da identidade pós-moderna em uma das séries de maior sucesso da televisão mundial. In:

CONFIBERCOM. **Estudos culturais: uma abordagem prática**. São Paulo: Editora Senac, 2011. p. 113-131. Disponível em:

<https://www.yumpu.com/pt/document/read/36618068/texto-completo-confibercom>. Acessado em: 06 mai. 2025.

SEGUNDA CHAMADA [**Seriado**]. Direção: Carla Faour. Produção: Isabela Bellenzani. Brasil: TV Globo, 2019.

SEMPRINI, Andrade. Multiculturalismo. Tradução Laureano Pelegrin. Bauru, SPEDUSC, 1999.



WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: 1780-1950. São Paulo: Editora Nacional, 1969.